

**TÉCNICA E CULTURA: O FAZER HUMANO E O PROCESSO DE
CONSTITUIÇÃO E APREENSÃO DA REALIDADE SOCIAL**

TECHNIQUE AND CULTURE: HUMAN DOING AND THE PROCESS OF
CONSTITUTION AND APPREHENSION OF SOCIAL REALITY

TÉCNICA Y CULTURA: EL HACER HUMANO Y EL PROCESO DE CONSTITUCIÓN
Y APREHENSIÓN DE LA REALIDAD SOCIAL

Maria Sara de Lima Dias¹ 0000-0001-7296-6400
Pedro Moreira da Silva Neto² 0000-0003-3035-6887
Christopher Nascimento Santos³ 0000-0003-0908-395X

¹Universidade Tecnológica Federal do Paraná– Curitiba, Paraná, Brasil;
mariadias@utfpr.edu.br

²Universidade Tecnológica Federal do Paraná– Curitiba, Paraná, Brasil;
casadopedro@gmail.com

³Universidade Tecnológica Federal do Paraná– Curitiba, Paraná, Brasil;
chsantos@curitiba.pr.gov.br

RESUMO:

Objetivo deste artigo é apresentar a teoria histórico cultural para discutir a técnica e a cultura como dimensões do fazer humano presentes na apreensão da realidade social. É através da sua produção técnica que o homem se constituiu e, por conseguinte, construiu seu universo cultural. Porém o processo de racionalização da técnica foi cooptado pelo sistema de produção capitalista, neste sentido o desenvolvimento especializado de técnicas é debatido por diferentes disciplinas do conhecimento nas quais se analisará conceitos de conhecimento geral e de ciência. A racionalidade que tem orientado e conduzido a vida humana buscando conhecer a relação entre o entendimento que se tem de ciência pura e ciência aplicada. E por último, refletiremos sobre as relações tecnológicas na sociedade, os principais desafios impostos ao ser humano e à uma cultura inserida num contexto de mudança global em rede, tal cooptação culminou nas sociedades marcadas por avanços tecnológicos de toda ordem, tornando a cultura e a forma dos indivíduos compreenderem o mundo, aprisionado pelo viés do mercado e dos interesses do capital. O resultado imediato foi a ascensão de uma mentalidade predatória que enxerga no outro um concorrente a ser derrotado e no meio ambiente apenas uma oportunidade de extrair recursos que se transformarão em vantagens financeiras, como se essa postura fosse a única forma de ser e estar no mundo.

Palavras-chave: tecnologia; cultura; neoliberalismo e educação.

ABSTRACT:

The objective of this article is to present the historical-cultural theory to discuss technique and culture as dimensions of human activity present in the apprehension of social reality. It is through his technical production that man constitutes himself and, therefore, builds his cultural universe. However, the process of technical rationalization was co-opted by the capitalist production system, in this sense the specialized development of techniques is debated by different disciplines of knowledge in which concepts of general knowledge and science will be analyzed. The rationality that has guided and led human life seeks to know the relationship

between the understanding of pure science and applied science. And finally, we will reflect on the technological relations in society, the main challenges that are imposed on the human being and on a culture inserted in a context of global change in the network, culminating in said cooptation in societies marked by technological advances of all kinds, making culture and way in which individuals understand the world, imprisoned by market biases and the interests of capital. The immediate result was the rise of a predatory mentality that sees the other as a competitor to defeat and the environment as an opportunity to extract resources that will be turned into financial advantages, as if this attitude were the only way to be in the world.

Keywords: technology; culture; neoliberalism and education.

RESUMEN:

El objetivo de este artículo es presentar la teoría histórico-cultural para discutir la técnica y la cultura como dimensiones del hacer humano presentes en la aprehensión de la realidad social. Es a través de su producción técnica que el hombre se constituye a sí mismo y, por tanto, construye su universo cultural. Sin embargo, el proceso de racionalización técnica fue cooptado por el sistema de producción capitalista, en este sentido se debate el desarrollo especializado de técnicas por parte de distintas disciplinas del saber en las que se analizarán conceptos de saber general y ciencia. La racionalidad que ha guiado y conducido la vida humana busca conocer la relación entre la comprensión que se tiene de la ciencia pura y la ciencia aplicada. Y finalmente, reflexionaremos sobre las relaciones tecnológicas en la sociedad, los principales retos que se imponen al ser humano y a una cultura inserta en un contexto de cambio global en red, culminando dicha cooptación en sociedades marcadas por avances tecnológicos de todo tipo, haciendo cultura y forma en que los individuos entienden el mundo, aprisionados por los sesgos del mercado y los intereses del capital. El resultado inmediato fue el surgimiento de una mentalidad depredadora que ve al otro como un competidor al que derrotar y al entorno como una oportunidad para extraer recursos que se convertirán en ventajas financieras, como si esta actitud fuera la única forma de estar en el mundo.

Palabras clave: tecnología; cultura; neoliberalismo y educación.

Introdução

A técnica

A técnica é tão íntima ao ser humano que o acompanha desde os primórdios de sua existência gregária e que no movimento dos hábitos e costumes constitui a cultura. Ao tentarmos explicar a relação existente entre técnica e cultura cairemos numa profusão de conceitos em separado, cada um dos quais exigiram aprofundamento das teorias fundantes. E não conseguiríamos chegar a um ponto de sustentação dos processos técnicos e culturais. A cultura se refere ao saber e a capacidade racional do homem, e a técnica ao fazer em um processo de construção da própria razão. Utilizamos os estudos de Vygotsky (1978, 2007, 2008, 2012, 2013, 2017, 2018) como mediador dessa relação entre a técnica e a cultura, de onde entendemos o desenvolvimento humano como o ponto referencial do homem com o seu ambiente.

A partir da sua condição social o ser humano surge e se desenvolve, através dos processos comunicativos e das relações e interações sociais é que este se constitui. Os seres humanos produzem a cultura e os modos técnicos que em conjunto dinamizam o conhecimento. Portanto a natureza social humana é fundante da técnica e da cultura, no entanto essa dualidade abre inúmeras possibilidades de questionamentos sobre a forma como se estabelece esse processo de transformação. A teoria cultural social de Vygotsky (1978, 2007, 2008, 2012, 2013, 2017, 2018) pode nos ajudar a entender o processo de desenvolvimento e de formação humana.

A cultura ao mesmo tempo produziu a técnica, o fazer humano, no entanto podemos dizer que a técnica se constitui como cultura. Consideramos que a técnica pela técnica não pode ser o elemento a humanizar o homem e nem mesmo a cultura poderia constituir toda a singularidade de um sujeito histórico, para isso devemos refletir sobre a ação do ser humano sobre a natureza. A entrada no mundo cultural e social mostra de forma evidente a organicidade dessa coesão, uma relação que é condicionada aos aspectos da cultura e de modo a assimilar os conteúdos advindos da base cultural. Somente na relação entre ser humano e sociedade, uma sociedade comunicacional se encaminha ao desenvolvimento o pensamento complexo de apreensão da realidade social.

A técnica sendo considerada como o fazer do ser humano em contato com a natureza, se constitui como um processo de aprendizagem ao longo do desenvolvimento histórico do homem. A cada tempo histórico tem o ser humanos desenvolvido equivalentes zona de desenvolvimento proximal (VYGOTSKY, 1978, 2007, 2008, 2012, 2013, 2017, 2018) em que este apreende os modos de realização de algo. A técnica é apreendida por compartilhamento do conhecimento com seus pares, faz com que se apresente ao mesmo tempo nas relações e interações sociais tanto a técnica quanto a cultura. Assim, buscamos em primeiro momento não dissociar os termos, para em seguida discutir o processo de desenvolvimento técnico a partir da percepção e do uso dos elementos sociotécnicos considerando a cultura em seu movimento a produzir modificações da vida social. Buscaremos articular a teoria sociocultural com conceitos sobre técnica e cultura na apreensão da realidade social.

Cultura e Técnica

O homem é ser social, e sendo social se produz nas relações e interações humanas, são estes elementos que constroem os modos de coexistência humana em determinada cultura. Não há uma única cultura e um único modo de sociedade, portanto é preciso considerar que a vida

humana é múltipla, complexa e diversa. A cultura é um conceito abstrato, uma metafísica que apenas nos fornece algum conhecimento quando associado às sociedades e aos grupos sociais diversos dos quais o homem faz parte. E, mesmo assim, temos uma noção genérica, em que aplicado à uma heurística somos capazes de dizer algo sobre o que seja a cultura dos povos. No entanto, sabemos que a cultura existe, que possui movimento, se modifica, implica em muitos afazeres e modos de relação e interação.

Toda a cultura muda com o tempo e a mudança de cada época é caracterizada pela decadência de modelos e paradigmas até então vigentes. Em nossa sociedade prevalece uma racionalidade neoliberal, em tal cultura se produz e reproduz um determinado tipo de ser humano, o sujeito da necessidade. A estrutura social sociotécnica estabelecida se funda portanto na falta de sustentação econômica. Tal ordenamento social conduz o ser humano a um processo de constante competição para maximizar seus resultados, expondo-se a riscos e assumindo inteira responsabilidade por eventuais fracassos (DARDOT; LAVAL, 2016).

Para compreender a mudança de cultura em nossa sociedade, não basta estudar somente um ou dois elementos, e sim todos eles. Dessa forma não é nem a cultura geral e simétrica e nem os processos técnicos que possibilitam um aprendizado superior com o desenvolvimento humano. Falamos portanto da construção do sujeito em um processo de humanização. É de modo maquinal e uniforme sem outras reações adaptativas que o animal tece o ninho, a teia de aranha, etc., diferentemente como anuncia Vygotsky (2013) sobre (ENGELS, 2006) o homem se faz tecedor e arquiteto, constrói a partir das funções superiores a obra, em uma duplicidade da experiência como atividade humana, e como experiência no trabalho humano. O animal se adapta ao meio de forma passiva, ainda que realize construções, estão correspondendo à passividade instintiva da espécie, enquanto o homem adapta “ativamente o meio a si mesmo” (VYGOTSKY, 2013, p.05), e sua atividade singular participa da cultura e da vida social ao mesmo tempo desenvolve sua técnica.

A atividade socialmente construída está vinculada à produção do homem em relação a si mesmo através do trabalho, da forma como o homem transforma o meio em que vive, moldando sua existência e se diferenciando ontologicamente de outros animais. Assim, segundo Vygotsky (2013), o trato das mãos a modificar o real, a materialidade se repete, e a ser também utilizada por outros com os mesmos movimentos sobre o material, uma duplicação que permite desenvolver uma adaptação ativa da experiência socialmente compartilhada. É isso o que nos diz Engels (2006. p. 4), ao afirmar que “O trabalho criou o próprio homem”. O sentido de evolução seguiu um processo profundamente imbricado na forma como o homem interveio na natureza.

[...] o domínio sobre a natureza que tivera início com o desenvolvimento da mão, com o trabalho, ia ampliando os horizontes do homem, levando-o a descobrir constantemente nos objetos novas propriedades até então desconhecidas [...] Os homens em formação chegaram a um ponto em que tiveram que dizer algo uns aos outros [...] a origem da linguagem a partir do trabalho e pelo trabalho é a única acertada. (ENGELS, 2006, p. 10).

Ao trabalhar, os humanos foram elaborando e aprimorando suas técnicas e desenvolvendo tecnologias que o ajudaram a construir sua sociedade, e por conseguinte a própria maneira de representar e significar o mundo, de tal forma que todo seu universo cultural fosse concebido. Do ponto de vista da história da filosofia, a modernidade e a pós-modernidade, sendo discursos europeus, são descrições e respostas às condições tecnológicas europeias – ao mecanicismo e à cibernética, respectivamente. Seria estranho se alguém que pretendesse superar a modernidade ou a pós-modernidade não se defrontasse com a tecnologia como um tema central (HUI, 2020, p.11). A partir da teoria crítica onde se instala Habermas (1997), existe uma separação simultânea de duas culturas atuais, a cultura da ciência e da literatura; a ciência estritamente experimental e a literatura como a ciência do espírito; entre as ciências naturais e as “belas letras”, Habermas (1997 p. 113), quando menciona a separação das duas culturas quando estão presentes de forma simultânea, na inter relação do sujeito com o objeto, e se refere à ciência que comunica habitualmente seus resultados com uma linguagem formal cheia de definições, tanto as ciências do espírito quanto às ciências sociais usam uma linguagem específica e muitas vezes hermética. Esta separação, apontada por Habermas (1997), gera um abismo linguístico que tem produzido resultados que se revertem sobre a própria ciência, criando o mundo abstrato do âmbito científico e o mundo da vida cotidiana, ou seja, uma espécie de caixa preta entre a ciência e a sociedade.

No entanto, podemos saber, as separações são técnicas do modelo cartesiano que divide em pedaços o todo para se ter, de cada parte um saber suficiente, especializado. Sabemos que se unirmos o todo novamente, não teremos a totalidade advinda desse pensamento, o que foi compartilhado não pode ser novamente retomado à sua condição inicial, não porque não tenhamos meios, mas porque vivemos em um processo histórico. Ainda, segundo Habermas (1997, p.116) “[...] as informações provenientes das ciências experimentais só podem entrar no mundo social pela via de sua utilização técnica, como saber tecnológico.”

O aprendizado humano no domínio do espaço cultural com a inserção da criança neste universo relacional e interacional possibilitou por via das normativas sociais se aproximar e conhecer o significado e os modos de manuseio das ferramentas disponíveis, construindo as habilidades, e, ao mesmo tempo aprendendo os conceitos, que no processo de uso possibilitou,

mais que uma espécie de “pensamento técnico” (Vygotsky, 1978), o pensamento em conceitos. A técnica por si mesma, ainda que o operacional sejam provenientes do experimento, o uso do disponível, do culturalmente iniciado, como que de instrumentalização ou de um conhecimento técnico, não é suficiente para o desenvolvimento de relações e interações simplesmente, demanda a construção de sentidos, de um modo de ser aplicado ao objeto, não podendo ser, como pensavam os primeiros teóricos do conhecimento e nem por via da teoria comunicacional de Habermas (1997) como que tecnicamente suficiente.

O ato comunicacional apenas busca consenso no sentido de imputar a verdade cultural como fator necessário do entendimento e dentro do espaço configurado das relações culturais. O pensamento em conceitos de Vygotsky (1978) supera o condicional consensual do aprendizado. Inteligência e prática “existem de forma completa, aguardando o momento próprio para emergir” (Vygotsky, 1978, p. 24)¹. Em sua ascensão sobre todas as dimensões da vida social o capitalismo opera, como “motor da totalidade” (HARVEY, 2018, p. 116). Habermas (1997) retira a mediação imediata da mão e a substitui, a tecnologia torna-se a mediadora da ciência para a sociedade. Contradizendo a comunicação humana como fundante das relações comunicacionais em que se enquadra a racionalidade como argumento da expressão a fim de se chegar a um consenso comum. Porém, o contra-argumento pode ser uma indução cujas respostas se encontram no controle das formas do que propriamente da linguagem. De outra maneira, entende o pensamento deslocado da razão intrínseca do trabalho como atividade essencial humana, entendendo a comunicação humana como um processo de consenso e não-dialético. Por este tipo de entendimento unificado da técnica e tecnologia, e por conceber a comunicação como instrumento funcional e objetual para um consenso.

A separação das duas culturas, da ciência e da sociedade, é explicada pelo ponto de vista da psicanálise em Marcuse (1979, p. 170), onde afirma que em primeiro lugar, a ciência se concebe a si mesma com seus conceitos internos e sua verdade interna de uma maneira absoluta; ela é ciência porque conserva sua identidade e sua validade independente de sua utilização e, em segundo lugar, se reforça através do emprego e a aplicação da ciência na realidade social. Ou seja, a ciência pura não é ciência aplicada. A separação da ciência e da sociedade se deve ao fato (MARCUSE 1979, p. 185) de que a ciência aplicada não é ciência propriamente dita, e sim um conhecimento governado pela lógica da técnica, e que, por isso, está independente da vida social. Marcuse (1979) sustenta que a tecnologia herda as características básicas da ciência,

¹ n. As. “[...]they exist in complete form, awaiting the proper moment to emerge.” (Vygotsky, 1978, 24).

as quais podemos mencionar três delas: a neutralidade, a desnaturalização e o sentido instrumental.

A racionalidade científica, nos mesmos princípios da ciência moderna tem um caráter técnico a priori que lhe permite falar da ciência pura, da ciência capaz de dizer algo novo com relação à coisa natural e de ter um procedimento metódico que controle seu objeto estudado. A tecnologia é herdeira do espírito científico e Marcuse (1979) confirma-o. E no entanto, em meio à profusão técnica-cultural presente na internet, nos espaços comunicacionais, se faz como consenso interativo-relacional os saberes correspondentes a cada lugar, geografias sociais. Não há racionalidade científica sem a existência inicial do humano no espaço cultural de permanência e origem, uma racionalidade antevista, sustentada por um si-mesmo bastante sem o universo social que possibilitou o próprio pensamento metodológico racional. Lembrando que antes do puro racional direcionado à uma função, a metas ou experimentos, o social está presente. Não se trata então de um puro pensamento técnico, separando o homem de sua natureza. a neutralidade, a desnaturalização e o sentido instrumental o caráter desmaterializado da natureza. Não há também espírito tecnológico - descartável, em processo de degradação, utilitário no uso que possa se identificar. Um espírito que assombra e elimina o humano, algo que define o homem como sujeito instrumental, técnico, amarrado ao procedimento científico. A vida social cultural impera e pergunta concomitante a qualquer ato científico, a sua razão de ser, os conceitos que utiliza a partir da humanidade que lhe é próprio. A não ser que não se tenha aprendido a ser humano, e, como suas próprias palavras, sejam então essa humanidade posta fora, eliminada, as relações e interações sociais sejam “os elementos estranhos à razão” (Marcuse, 1979) que o produto esteja então carregado dessa “ausência”. Discordamos de Marcuse (1979), acreditamos que a presença total e completa humana não seja um *ratio* técnico. E não pode ser a ciência qual um grupo de vantagens e interesses que anulam a vida social, o próprio homem e o “em si mesmo” cogitado.

A ciência não é e nem existe senão como conceito e processo criado pelo próprio homem. Não se trata de uma empiria a dizer que a ciência tenha estas ou aquelas características conceituais, o que importa é o sujeito da história ausente no conceito de ciência. Isto porque os princípios da ciência, segundo Marcuse (1979, p.190) foram estruturados a priori, de tal maneira que podem servir como instrumentos conceituais para um universo de controle produtivo auto expansivo. É na verdade um controle eficaz sobre a natureza e, através do domínio dela, domina-se a sociedade.

Continua dizendo Marcuse (1979, p.190) “hoje, a dominação se perpetua e se espalha não somente por meio da tecnologia, mas sim como tecnologia, e esta última fornece grande

legitimação do poder político em expansão, que absorve todas as esferas da cultura”. Vemos que o materialismo de Engels (2006) difere do materialismo de Habermas (1997) no sentido de que o primeiro, indicando Aquino - summa teológica - faz menção à construção da mão á como princípio humano para o trabalho, apenas lembrando que para Engels (2006) isso se dá ao mesmo tempo, e que no entanto, o homem tem razão através do órgão de todos os seus órgãos, as mãos², sendo o trabalho justaposto à vida. Contrapondo a Marcuse (1979) que se utiliza da psicanálise em seus estudos, a ciência não se concebe a si mesmo, (espírito metafísico) necessita ser concreto, ciência primeiro, não se trata de um conhecimento restrito e mental, apenas subjetivo, a ordem da ciência demanda linguagem científica, conhecimentos laterais, tratamento epistemológico, relações com a produção prática.

O reforço social no uso do conhecimento científico torna a atividade científica instrumental para o mercado. É como considerar a separação do corpo da mente. Quanto a Hui (2020), seus estudos são eminentemente fenomenológicos relacionados à tecnologia em que um ponto de referência no agora pode caminhar para o passado através do pensamento, e da mesma forma, como num positivismo, se define para o futuro como substrato de uma realidade integrada à produção capitalista, com metas definidas. As posições anteriores dos teóricos confundem a técnica e cultura como um processamento produtivo, quase que automático da realidade, diferente de uma dialética que conflui na união dos opostos e busca um valor ético, e no sentido de ser responsável por esta mesma produção considerando a totalidade do humano construtor de sua história e capaz de tomar decisões. Para ilustrar esse pensamento, Vygotsky (1978, 2007, 2008, 2012, 2013, 2017, 2018) considera a arte a técnica elevada dos sentimentos a exigir uma educação social que possibilite a percepção artística, e assim o desenvolvimento ético, o mundo das escolhas do sujeito singular.

Em relação a uma visão intrínseca da cultura, Vygotsky (1978, 2007, 2008, 2012, 2013, 2017, 2018) diz que as relações dos pais influem no comportamento da criança desde de tenra idade, as interações com o recém-nascido. O gesto, os modos idiossincráticos provêm da vida cultural do adulto, e este é o primeiro contato com a realidade cultural que se faz aprendido a dar início à apropriação da cultura. A presença do outro relacional possibilita saltos qualitativos quanto mais práticas sociais houver. A cultura é o primeiro ensinamento humano a integrar o homem à sua realidade social.

² Aquino, T. Summa Theologiae Prima Pars De angelis Quaestio 50 (Suma teológica), Articulos 5, Ad 4. Disponível em: <https://aquinas.cc/la/en/~ST.I.Q76.A5.Rep3>

A tecnologia como dominação social

A tecnologia, como produto, e como recipiente das moralidades, herdou os princípios da ciência e caracteriza-se pelos valores que a determina. Novas tecnologias (como a internet e as mídias sociais) prometem um futuro socialista utópico, mas, na ausência de outras formas de ação, acabam cooptadas pelo capital e transformadas em novas formas e modos de exploração e acumulação. Mas, pelo mesmo motivo, mudanças autônomas em um dos momentos podem provocar transformações dramáticas em todo o conjunto. (HARVEY, 2018, p. 116). O que é aceito ou não, o que pode ser validado ou não, em uma regrarem ao modo estímulo resposta, à uma capitalização participativa, acumulação de participantes, um cartesianismo levado a um positivismo aplicado, um capitalismo que economiza almas e corações a opiniões e posturas sintéticas aguardadas. A ciência faria o mesmo em cada marco teórico, seguindo modelos segmentados dos modos de pesquisa, auferindo aqueles que se integram a um perfil esperado, a utilizar linguagem co-semelhantes a produzir respostas aguardadas ou que superem - com a mesma linguagem - um conhecimento ulterior.

A internet, os ambientes climatizados indutivos à produção das manifestações sociais globais que criam as redes sociais, separam valores culturais, modos técnicos de relação e interação de uma forma diferenciada à variedades de estímulo-resposta, o que condiz à perda de um lugar de fala que não esteja conectado a similitudes, proximidades de grupos e interesses que a todo tempo se mostram indutivos a modos comunicativos, gostos, aguardando respostas esperadas ou divergentes que produzam por fim um consenso validado por uma pseudo-maioria ou de participante inter-correspondentes à manifestação ideológica de cada espaço social. As máquinas são pretensamente neutras, funcionam igualmente para todos, e são levadas como produtos de uma única sociedade, a de consumidores.

O potencial de produtividade e crescimento desse sistema estabiliza a sociedade e contém o progresso técnico dentro da estrutura de dominação.” (MARCUSE, 1979, p. 19). A chamada sociedade do conhecimento é uma sociedade de informação, sociedade de duração de uso tecnológico para um fim controlado. Marcuse (1979, p. 18) ao afirmar categoricamente que “a tecnologia serve para Instituir formas novas, mais eficazes e mais agradáveis de controle social e coesão social”, a partir do ponto de vista do domínio do conhecimento e da pouca distribuição e direitos não compartilhados. Para o uso de máquinas e aparelhos muitas vezes não é necessária uma preparação especializada.

Uma tecnologia a ser vista sempre como objeto de consumo, mesmo a mais avançada está interligada entre si e ao sistema capitalista, um veículo, uma televisão, um microondas ou

um computador, por exemplo pode ser utilizado sem que necessariamente se saiba a complexidade. Os avanços da ciência aplicados à tecnologia vão na contramão da formação e desenvolvimento humano, estão próximos ao pensamento kantiano, que a realidade não é conhecida e nem se pode conhecer senão por abstração, e que pensar o social como um objeto metafísico é a vontade burguesa do século das luzes, o esclarecimento, a Aufklärung, a dizer que seja a saída do homem da sua menoridade de que ele próprio é culpado, “a incapacidade de se servir do entendimento sem a orientação de outrem.” (KANT, 2012, p. 5), de ser uma individualidade auto suficiente, aut centrada que se utiliza do conhecimento para a produção em escala de bens, faz a indústria, o comércio em uma competição pela riqueza. A reprodução da ciência em sua integração ao produto no conjunto estruturado de uma tecnologia não significa facilidades pura e simplesmente, mas complementaridade à funcionalidade.

A tecnologia pode ter muito de ciência, mas não é científica e nem ciência. Para ser ciência, isto é conhecimento, necessita, no sentido científico esperado pela sociedade, de ser ética e poder ser conhecida. O conhecimento científico especializado nem sempre é necessário para se usar um instrumento de alta tecnologia. O que se deve saber é muito simples e muito prático e, dessa forma, toda a tecnologia se põe aos pés do ser humano. Quando algo não funciona, é o técnico quem conhece, mas sabe também algo prático, muitas vezes simples, inclusive seu trabalho consiste em identificar onde é o problema é substituir uma parte por outra. Saber identificar onde é o problema de uma máquina naturalmente requer o conhecimento prático, mas é conhecimento especializado no sentido científico. Por outro lado, assim como o discurso de Habermas (1997) sobre o ato comunicacional que busca um consenso, um desejo de permanência e de conhecimento entre pares, isto também se define por aspectos da cultura que, de um modo surpreendente, está imerso nos espaços sociais da internet.

A atenção aos signos, lentamente se transfere aos processos de compreensão (VYGOTSKY, 1978; 2007; 2008; 2012; 2013; 2017; 2018) de forma que a técnica no uso dos espaços, ambientes da internet aparentam com o processo de desenvolvimento da expressão escrita, mesmo que se utilize de símbolos programados, imagens e demais sistema, e que o ato de se manifestar através da escrita computadorizada, formal e técnica não dissuade que se busca apresentar e conhecer. Em nosso caso, o sistema complexo da internet e no âmbito dos espaços relacionais traduzidos como Redes Sociais, diferente de um aprender propriamente no nível do que será do ensino aprendizagem, opera dentro da mesma técnica cultural, ocorrendo apenas, como diferencial as separações, e as convergências de uma comunicação que atua conforme métodos que unem ou separam pessoas. No caso de Vygotsky (1978; 2007; 2008; 2012; 2013;

2017; 2018) o intento é superar dificuldades singulares, a técnica cultural dinamiza o processo de ensino e aprendizagem.

A Nova ordem Mundial (CASTELLS, 1999) é a era informacional, o futuro não se pode explicar, mas a mudança que leva uma época à outra parece apontar um novo estágio do capitalismo globalizado e informacional, uma nova etapa do tradicional capitalismo. Menos conhecimento geral e humano, menos valores éticos para viver. Não se torna necessário estudar muito para “prosperar”, o mais necessário é conhecer o prático e o funcional, o conhecimento pragmático é o conhecimento que é necessário não para viver em plenitude, mas para sobreviver.

Trata-se de um conhecimento limitado, que garante as condições para sobrevivência, da melhor maneira, dentro do sistema capitalista. No qual a nova razão do mundo (DARDOT; LAVAL, 2016) se definem e se impõe por igual (CASTELLS, 1999) ao propósito de uma ordem mundial. Socialmente condicionado ao bombardeio de estímulos auditivos, visuais que se determinam a respostas mais ou menos esperadas, a serem de todos os modos assimilados a uma massa operante de indução a um estado de submissão à informação como objeto-suficiente, um conhecimento prévio de variedade estruturais do sistema. Diante desta realidade o ser humano procura reagir para não perder sua própria identidade.

O conhecimento do fazer, e do compartilhar de base técnica assimilado ou não pela cultura, de forma que o ser humano procura sua própria identidade desesperadamente. Entende por identidade, ao processo mediante ao qual um ator social se reconhece a si mesmo como sujeito da vontade de um fazer esperado e constrói o significado de determinados atributos culturais por similaridade (CASTELLS, 1999). Não que este seja incapaz de relacionar-se com outras identidades mas sim, que estas relações estão definidas sobre os atributos culturais próprios e devem ser conservadas e fortificadas, pois sua identidade se configura a partir deste fundamento.

Todos sítios em todas as suas divisões por interesse são considerados culturais, divergentes entre si em entre os demais separados a produzirem linhas, demarcações, bordas, fronteiras, áreas subscritas, geográficas com alfândegas relacionadas a grande quantidade de informativos que a definem, criam sua bandeira social-grupal. Um cancelamento prévio que induziu (como que por raça, língua, condições financeiras, domínio de gírias e conceitos, formas, tipos e modelos padronizados que aceitam ou não a solicitação ou a expressão aberta de um participante logado, presente na internet) ao que buscam definir como cultura do cancelamento. Dessa forma, como vemos em Vygotsky (1978; 2007; 2008; 2012; 2013; 2017; 2018) sobre o processo criativo, que as regras da técnica vencem a capacidade criativa ou da

expressividade histórica cultural do participante, e da sua possibilidade de elaboração do conhecimento.

Afirmando que a oposição entre globalização e identidade (CASTELLS, 1999) está dando forma a nosso mundo e nossas vidas. A homogeneização das formas técnicas e de expressividades culturais. A técnica conflui aos modos operantes e de participação, e a cultura como passaporte de uma identidade mais ou menos definida a ser apresentada, não apenas para um guarda cumpridor técnico do direito de entrada em outro território, senão por muitos que avaliam esse direito, um julgamento público.

Desejávamos saber qual é essa razão do mundo, e qual foi essa conclusão de ordem é essa, se é uma estrutura, ou se um processo de conhecimento que chegou ao nível ideológico cristalizado de um modo existencial do homem no planeta em que se conecta ou deixa de se conectar. Este entra e sai de um sistema em que a lógica comunicativa congrega os modos sociais culturais ou se são pensamentos dilacerados a uma forma moral cujas instâncias, feitas em moralidade são reconhecidas ou mesmo se esse posicionamento de (DARDOT; LAVAL, 2016; CASTELLS, 1999) faz o informacional como fundamento. Em ambos os casos, ligar -se ou desligar-se da gramática ou do sistema informacional não corresponde a um processo comunicativo que não seja meramente optativo, compreendendo a linguagem como um complexo modo humano que antecipa o uso e a troca símbolos, de sinais prévios, em que a presença do outro e de si-mesmo é interativo, relacional e construtora de signos.

Conclusão

A teoria sociocultural de Vygotsky (1978, 2007, 2008, 2012, 2013, 2017, 2018) possibilita analisar as tradições fenomenológicas e mitológicas psicanalíticas abrindo um leque de possibilidades para retomarmos à integridade histórica do sujeito singular, os véus das aparências tecnificadas que se encaminham ao tecnicismo utilitário, funcional da expressividade criativa, busca eliminar as relações e interações humanas, de modo kantiano positivista, fragmentando de forma cartesiana em sub-conceitos as manifestações técnicas e culturais, separando o sujeito do objeto. Diferente do que se possa imaginar, o humano não é criador apenas de técnicas simbólicas, de normativas morais em regras comunitárias tácitas, e nem de marcas que definem sua origem cultural em moralidades, de conceitos encerrados em fórmulas, ou em ideologias, o humano também é criador de culturas, das contradições, das transformações sociais e culturais, construtor do possível, do ético.

Técnica e Cultura ou Cultura e Técnica não estão separados da vida humana, estão integrados à formação humana no desenvolvimento do sujeito singular. em que o sujeito se torna reificado e levado às variabilidades dos interesses do capital, um domínio subjacente à participação das redes sociais e das conexões e interconexões promovidas via internet. Tecnicismo e culturalismo atuam a partir do sistema reflexológico, na dinâmica da repetição, de modo sinonímico a se manter dentro de esquemas em que a percepção, sensações, são alimentadas de forma instrumental como prêmios ao comportamento esperado, fixados em ideologias que se integram ao sistema de negócios. Ao mesmo tempo é dissolvente, justificada e busca da aglomeração, da multidão subserviente da quantidade, a condução de seu propósito monetário ocupando-se de formas e modos diferentes conforme uma posição sobre um aparente ou definido real ou imaginário, em constante modificação de sentidos-significados ao nível do que se apresenta da técnica e da cultura. Não é possível separar técnica da cultura, não se pode separar a humanidade do homem, e nem do processo lento e gradual da humanização.

Referências

- CASTELLS, Manuel. **A era da informação**: economia, sociedade e cultura. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1999.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo, Boitempo, 2016.
- ENGELS, Frederic. O papel do trabalho na transformação do macaco em homem (1876). **Revista Trabalho Necessário**, 4(4), 2006. DOI: 10.22409/tn.4i4.p4603.
- HABERMAS, Jürgen. **Técnica e ciência como ideologia**. Lisboa: Edições 70, 1997.
- HARVEY, David. **A loucura da razão econômica**: Marx e o capital no século XXI. São Paulo, Boitempo, 2018.
- HUI, YUK. **Tecnodiversidade**. São Paulo: Ubu, 2020.
- KANT, Immanuel. **Resposta à questão**: o que é o esclarecimento? **Cognitio**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 145-154, jan./jun. 2012. (tradução do original Berlinische Monatsschrift. Dezember-Heft 1784. S. 481-494).
- MARCUSE, Herbert. **A ideologia da sociedade industrial**: O homem unidimensional. 4 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- VYGOTSKY, Lev Semenovich; COLE, Michael. **Mente na sociedade**: desenvolvimento de processos psicológicos superiores. Editora da Universidade de Harvard, 1978.
- VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Psicología del arte**. Buenos Aires: Paidós, 2008.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamiento y habla**. Buenos Aires: Colihue, 2007.

VYGOTSKY, Lev Semenovich Obras Escogidas, Tomo IV, **Paidología del Adolescente**, 2012.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **La psicología infantil**. Obras Escogidas, Tomo V. Madrid: A. Machado Libros S. A, 2013

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Vygotsky's Notebooks, a selection**, Singapore: Springer Nature, 2018.

SOBRE O/AS AUTOR/AS

Maria Sara de Lima Dias. Doutor em Psicologia pela UFSC. Docente na Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Líder do grupo TASS.

Contribuição de autoria: fundamentação teórica - <https://lattes.cnpq.br/4807954398668607>

Pedro Moreira da Silva Neto. Doutorando em Educação pela Universidade Nacional de La Plata. Professor Voluntário do Grupo TASS, e do Projeto de Extensão TUTOR -

Contribuição de autoria: Discussão e argumento. - <https://lattes.cnpq.br/4328652537015326>

Christopher Nascimento Santos. Mestrando em Tecnologia e Sociedade pela UTFPR. Psicólogo da FAS- Fundação da Ação Social, da Prefeitura de Curitiba. Participante do Grupo TASS. Contribuição de autoria: Argumento e considerações finais. <https://lattes.cnpq.br/7028441416074004>

Como citar este artigo

DIAS; Maria Sara de Lima; SILVA NETO, Pedro Moreira; SANTOS, Christopher Nascimento. Técnica e cultura: o fazer humano e o processo de constituição e apreensão da realidade social.

Revista Educação em Páginas, Vitória da Conquista, v. 02, e12663, 2023. DOI: <https://doi.org/10.22481/redupa.v2.126686>